

Tiago Saraiva
Ana Cardoso de Matos

Capítulo 4

Máquinas Noturnas: O Instituto Industrial de Lisboa como Utopia Romântica (1849-1888)

A 12 de setembro de 1849, o jornal *A Revolução de Setembro* relatava os acontecimentos que tinham ocorrido nos dois dias anteriores na zona da Boavista, situada entre o Largo de Santos e o Cais do Sodré, então o principal bairro industrial de Lisboa:

Os operários recusaram-se a fazer serão e pretendem o pagamento por inteiro como se trabalhassem as horas que trabalham de Verão. Convém que o Governo, tomando este negócio em séria consideração, procure remediar o mal nascente, conciliando os interesses dos operários e dos proprietários. É a questão da organização do trabalho que aparece sempre com o desenvolvimento da indústria. É o mal social que nos rebenta à porta, quando todos o julgavam ainda muito longe de nós.¹

O tom de alerta do jornalista era plenamente justificado, pois ele descrevia nada mais do que a primeira greve industrial de que há registo em Portugal. Aparentemente, este marco na história social portuguesa não oferece dificuldades de interpretação: o conflito resultou de alterações ao horário de trabalho.² Entre quinhentos e setecentos operários metalúrgicos recusaram aceitar a imposição da jornada de

¹ Citado em José Barreto, «Uma greve fabril em 1849», *Análise Social*, vol. 17, 67-68 (1981), 484.

² *Ibid.* Ver também Maria Filomena Mónica, *Artesãos e Operários: Indústria, Capitalismo e Classe Operária em Portugal (1870-1934)* (Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1986).